

**El Dorado boliviano em São Paulo:  
a distância entre o sonho e a realidade**

*The Bolivian El Dorado in Sao Paulo:  
the distance between dream and reality*

Rubens Lacerda de SÁ<sup>1</sup>  
David Juglierme Alves NOGUEIRA<sup>2</sup>

**Resumo**

Nosso objetivo neste ensaio é discutir a relação entre a lenda do *El Dorado* com a condição dos migrantes bolivianos em São Paulo. A partir do recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, discutimos a questão migratória dessa população apresentando, com base nessa lenda, a distância que se estabelece entre o sonho, que carregam na bagagem por ocasião da partida de sua terra natal, e a realidade com a qual são confrontados diariamente, durante sua estada ao Brasil. Após discorrermos um pouco sobre a lenda, alguns dados sobre a história e a condição desses migrantes, apresentamos as excertos da fala de um participante da pesquisa, Don Rios, que ilustra como o sonho, que almejam, distancia-se de sua realidade cotidiana em São Paulo.

**Palavras-chave:** El Dorado. Migrantes bolivianos. Sonho e realidade. São Paulo.

**Abstract**

In this essay we aim at discussing the relationship between the legend of *El Dorado* and the condition of Bolivian migrants in São Paulo. Based on a partial analysis of a doctoral research in progress, we discuss the migratory issue of this population, based on this legend, presenting the distance that is established between the dream, which they carry in their luggage when they leave their homeland, and the reality, with which they are confronted daily during their stay in Brazil. After talking a little about the legend, some data about the history and condition of these migrants, we present excerpts from the speech of the research participant, Don Rios, who illustrates how the dream, which they long for, distances itself from their daily reality in São Paulo.

**Keywords:** El Dorado. Bolivian migrants. Dream and reality. São Paulo.

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Educação (UNIFESP). Doutor em Linguística Aplicada (UNICAMP). Pesquisador e docente visitante no Departamento de Português da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, Portugal (ESE/IPB). E-mail: rubens.sa@unifesp.br

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde da Universidade Federal de São Paulo (PPGES/UNIFESP). Professor na Universidade Guarulhos (UNG). E-mail: juglierme@gmail.com

## Introdução

Abrimos este ensaio com um excerto de Yi-Fu Tuan para estabelecermos o tom desta introdução e, junto com ele, afirmar que ‘o passado-presente (não) ficou para trás’ ao nos referirmos aos migrantes, de um modo geral, e sua busca por melhores condições de vida e justiça social. Yi-Fu Tuan (1983, p. 206) poeticamente nos diz que:

[...] o passado não é paisagem aprazível que ficou para trás, uma região na qual eu posso caminhar para onde quiser e na qual aos poucos vão aparecendo as suas colinas e vales escondidos. À medida que avançava, ia se desmoronando. Os escombros que ainda podem ser vistos são incolores, distorcidos, indiferentes.

Aliada a essa ideia desse passado-presente que ainda está aqui, Sebastián de Belalcázar, Nicolás de Federmann, Gonzalo Jiménez de Quesada, Antonio Berrio, Antonio de Sepúlveda, Alexander von Humboldt, Charles Stuart Cochrane, Juan Martínez, Diego de Ordaz, Walter Raleigh, Percy Fawcett, e centenas de outros, formam a lista com os nomes de alguns exploradores que têm em comum o fato de, entre 1535 e 1925, sacrificarem suas vidas em expedições de busca pelo lendário *El Dorado*.

Trata-se de uma lenda sobre o imperador que tinha o hábito de se espojar no ouro em pó, para ficar com a pele dourada durante uma cerimônia na terra dos Muíscas, tamanha era a riqueza do império. Embora existam várias versões para tal lenda, a mais aceita, em exposição no Museu do Ouro, em Bogotá, Colômbia, conta que o Zipa, nobre imperador e governante supremo dentre os Muíscas, a partir de sua jangada dourada, oferecia tesouros a Guatavita, a deusa do lago sagrado, lançando no meio da lagoa todo o ouro e as esmeraldas que levava aos pés, contribuindo assim para a riqueza e manutenção do palácio escondido no fundo das águas. Esse império ficava em algum lugar do atual centro-norte do Brasil, Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador e Peru.

Essa lenda, por mais esdrúxula que possa ser, ainda alimenta, de modo figurado, o imaginário social de muitos povos que, em tempos de capitalismo neoliberal, são vítimas da falácia moderna da prometida produção de riqueza e distribuição equitativa de renda. São milhões de pessoas carentes de abrigo e comida, duas das necessidades mais

básicas para sobrevivência do ser-humano. Milhões de migrantes<sup>3</sup> mundo afora, precisam desenraizar-se e deixam para trás uma paisagem nada aprazível, para remeter a epígrafe de abertura deste ensaio, a fim de perseguir o seu *El Dorado*.

Os migrantes bolivianos em São Paulo também participam dessa busca, dessa expedição moderna em busca de sobrevivência. Perseguem a realização de um sonho embora se deparem, muitas vezes, com uma realidade bem diferente do imaginado. Muitos pesquisadores têm se dedicado ao esforço de trazer à baila a condição de exclusão a que são submetidos esses migrantes em São Paulo (SILVA, 2008; BAENINGER, 2012; BAENINGER & PERES, 2017; SÁ, 2014, 2016a, 2017, 2021a, 2021b). Este ensaio é o recorte de mais uma pesquisa<sup>4</sup> que aborda esse tema, ou seja, a distância entre o sonho e a triste realidade vivida pelos migrantes bolivianos em um bairro de uma cidade da região metropolitana da capital paulista. Trata-se de uma pesquisa de doutorado realizada por David Juglierme Alves Nogueira no Programa de Pós-graduação em Educação e Saúde da Universidade Federal de São Paulo, sob orientação da Dra. Sueli Salles Fidalgo e coorientação do Dr. Rubens Lacerda de Sá.

Em termos metodológicos, os dados apresentados neste ensaio, ou sejam as falas de Don Rios, foram produzidos durante a pesquisa de doutorado mencionada acima, mas que não compõem o texto final. São o que Matthew Miles (1979, p. 593) chama de “porões de dados”, que podem ser revisitados e usados em textos e análises futuras. Na fase da produção de dados em que se inserem os excertos de Don Rios, foram realizadas entrevistas narrativas seguidas da produção de narrativas visuais. Neste ensaio trazemos apenas alguns trechos das entrevistas narrativas, reservando os textos visuais quiçá para uso em outro momento, ou seja, seguem nos “porões de dados” da pesquisa principal.

Para Jovchelovitch e Bauer (2013) todas as experiências humanas podem ser extraídas por meio de uma entrevista narrativa, que “é considerada uma forma de entrevista não-estruturada, de profundidade, com características específicas” (p. 95), mas que não adere a uma estruturação prévia, sobretudo do esquema pergunta-resposta. Trata-se de uma contação de histórias que prescinde de competências linguísticas específicas, mas que “implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares,

---

<sup>3</sup> Como em Sá (2020), adotamos o termo migrante, pois nos referimos à circularidade dos processos migratórios já que toda e qualquer *i*-migração é ao mesmo tempo *e*-migração. Ademais, esse termo valoriza a condição de ator social e sujeito protagonista, que não é reduzido à origem ou destino na ótica do Estado.

<sup>4</sup> Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (CEP/UNIFESP), de acordo com o parecer nº 4.478.717 emitido em 21 de dezembro de 2020.

acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2015, p. 91). E Roland Barthes (1993) acrescenta ao dizer que, nesse tipo de entrevista, “a narrativa é internacional, trans-histórica, transcultural; ela está simplesmente ali, com a própria vida” (p. 252).

Por conseguinte, a opção por este instrumento de produção dados, para os que apresentamos aqui, foram suficientes, pois tornou possível que Don Rios, em sua narrativa, descrevesse eventos e acontecimentos que fizeram parte de sua construção enquanto indivíduo social. Tais momentos de entrevistas, ou bate-papos com Don Rios, foram realizadas remotamente, ora por meio da plataforma Google Meet ora por meio do aplicativo WhatsApp, por causa do contexto social atual de restrições da pandemia de Covid-19. Porém, a mediação tecnológica não se constituiu em impedimento para que as relações entre o mundo físico, social e subjetivo fossem estabelecidas (HABERMAS, 1987). Don Rios, bem como os demais participantes da pesquisa principal, é adulto, maior de idade, aceitou participar voluntariamente da pesquisa e em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A transcrição das falas de Don Rios foram adaptadas, para este ensaio, a partir das orientações de Preti (1999).

Nosso objetivo neste ensaio é poder oportunizar a discussão sobre a condição dos migrantes bolivianos em São Paulo. Nosso anseio é contribuir, ainda que não tanto quanto gostaríamos, para o encurtamento da distância entre o sonho e a realidade. Estamos alinhados ao que Sá (2016b, 2017) teoriza ao falar do **pesquis-a-dor** social e concluir (em 2020, p. 21) que este é “o cientista que, em sua angústia, pesquis-a-dor alheia, o sofrimento dos que compõem a tessitura social, com o fito de agir profilática, curativa ou até paliativamente, mas nunca esperando para a atuação *post mortem* do objeto, do fenômeno sob suas lentes e custódia”. Sentimos a dor dos migrantes bolivianos e, por isso, optamos por nos envolver em diferentes pesquisas sobre essa temática.

Vamos ao texto, já que desejamos ter um diálogo profícuo com você, que nos lê!

### **O passado-presente que (não) é uma paisagem aprazível**

Uma das principais razões para o fluxo migratório são perseguições e ameaças à sobrevivência e à manutenção da dignidade humana. Em linhas gerais, podemos afirmar que normalmente as migrações estão associadas a questões econômicas e políticas. No passado, as distâncias geográficas e as fronteiras eram tidas como impeditivos para a

circulação de pessoas entre os diferentes territórios nacionais. Entretanto, dada a ênfase na chamada integração dos povos como parte do projeto de globalização, presenciamos um aumento significativo no fluxo migratório, bem como da interação entre as pessoas. Ainda que isso possibilite trocas culturais, políticas, sociais e econômicas, essas não ocorrem de forma pacífica, muito pelo contrário, pois têm gerado abissalidades sociais.

Com a ampliação do mote capitalista, em seu desespero pela sobrevivência diante da crise que vive mundialmente, a ênfase nos processos de produção e consumo tornam o fluxo migratório quase que necessário já que as desigualdades aumentam e produzem verdadeiros oceanos de pobreza e miséria. Assim, com o acesso às fronteiras e o trânsito entre os países tendo sido relativamente facilitados, os empobrecidos são forçados a buscar meios de sobrevivência em outras terras, desenraizam-se e modificam espaços, lugares e culturas antes consideradas impenetráveis e protegidas de influências outras.

Por conseguinte, toda essa dinâmica tem produzido paisagens nada aprazíveis. Dentre os que compõem essa paisagem passada-presente, um *Jetztzeit*, *i.e.* o aqui-agora histórico, figuram os migrantes bolivianos que, por nosso recorte, vivem em São Paulo. Alguns dados interessantes são úteis para mostrar o movimento da migração boliviana no Brasil. Historicamente, a Bolívia não foi um país sem lutas. Conquistou sua independência em 1825 após 16 anos de conflitos, batalhas e negociações com o colonizador espanhol. Desde então, luta para livrar-se totalmente das marcas colonialistas e garantir os meios de sobrevivência e a preservação de sua identidade aos seus 12 milhões de habitantes.

A despeito dessa luta centenária, Hinojosa (2009) estima que algo em torno de 20% da população boliviana viva fora de seu país, *i.e.* cerca de 2.5 milhões de bolivianos. Desse total, Baeninger (2012), Pucci (2016) e Gonçalves (2018) estimam que cerca de 200 mil de bolivianos estejam no Brasil, o terceiro maior grupo de migrantes presentes em território nacional. Dessa cifra, uns 135 mil vivem em São Paulo, sendo a grande maioria solteiros, 119 mil. A equação de gênero é mais equilibrada, pois 55% dessa população identifica-se como homens e 45% como mulheres. Em termos laborais, cerca de 70% dos migrantes bolivianos no estado de São Paulo atuam no ramo da indústria têxtil e assemelhados, ou seja, costura, alfaiataria, modelagem, tapeçaria, etc. Convém ressaltar que os dados acima referem-se aos migrantes legalizados, pois se incluirmos os indocumentados estima-se que as cifras aumentem em torno 150-200% (JANNUZI, 2017).

Ao afunilarmos os dados um pouco mais, em direção ao município da região metropolitana da capital paulista, que serviu como locus desta pesquisa, percebemos que esse município abriga a quarta maior população de bolivianos do estado de São Paulo e a sétima posição em relação ao país. Dentre os bolivianos nessa cidade, 94% são solteiros e cerca de 52% são homens e 48% são mulheres, segundo o Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/UNICAMP, 2020).

Paiva (2013) mostra em seu trabalho que a vinda dos bolivianos para o Brasil seguiu a mesma lógica de outros movimentos migratórios, como os fluxos internos quando os nordestinos migraram para o sudeste brasileiro em busca de melhores condições de vida, renda, trabalho, moradia e alimentação. Vivemos também o fluxo migratório de orientais anteriores à década de 1980 e que atuavam na indústria têxtil. Com a melhoria das condições de vida desses migrantes, nordestinos e orientais, e a piora na condição social e situação econômica e dos meios de sobrevivência em muitos países da América Latina, que agora era marcada por violências pós-independência colonial, por revoluções, guerras, governos totalitários, etc., muitos povos começaram a migrar para o Brasil encarando-o como o seu *El Dorado*. Dentre tais figuram os bolivianos.

Isso se deu porque os Estados Unidos da América, a Espanha, a Austrália, o Japão e outros países mais ricos impuseram medidas bastante restritivas que impossibilitavam a ida de bolivianos para esses países (FREITAS, 2013). Assim, o Brasil passa a ser considerado o *El Dorado* para muitos e o eixo do fluxo migratório latino-americano é alterado de Sul-Norte para Sul-Sul (TONHATI & MACEDO, 2020). Cavalcanti e Oliveira (2020, p. 8) ressaltam que essa mudança se deu “a partir de 2007 [...] e tendo se intensificado entre os anos de 2010 a 2019”. Essa alteração de rotas “demonstra a complexidade e a heterogeneidade” do processo em termos internacionais (BAENINGER, 2018, p. 13).

Nesse mesmo texto, Rosana Baeninger (2018, p. 13) reforça essa percepção entre os pesquisadores quando afirma que os “movimentos migratórios incluem percursos, cada vez mais intensos, entre os países do Sul global”, sendo as “restrições impostas pelos países do Norte importante elemento na reconfiguração das migrações e seus destinos”. Orellana (2014, p. 10) confirma o que expusemos acima sobre as razões econômicas como propulsoras desse aumentado fluxo quando diz sobre os migrantes de um modo geral que “fugir da pobreza e de uma economia precária que não oferece as condições mínimas para poder crescer e mudar de vida é considerada a principal razão para sair do

país”. A atração de mão dupla dos bolivianos para a indústria têxtil paulistana inclui a possibilidade de renda mais justa, ainda que precária, e o baixo custo com a mão de obra barata que esses migrantes oferecem ao setor (BAENINGER, 2012; PAIVA, 2013). Com esse cenário desenhado pela lógica capitalista predadora, o Brasil torna-se o *El Dorado* para os migrantes bolivianos, pois se abre como possibilidade de enriquecimento (SILVA, 2006).

Após sua chegada e ingresso na indústria têxtil paulistana, os bolivianos imprimem uma dinâmica própria. Os primeiros a chegar, na década de 1980, trabalhavam em oficinas de costura, mas com o tempo conquistaram eles mesmos o direito e os meios de terem suas próprias oficinas. A meta de serem donos de suas próprias oficinas de costura passa a ser um “projeto pessoal e familiar” (FERNANDEZ, 2016, p. 73). Com isso, inicia-se a dinâmica de trazer amigos e parentes para trabalhar nessas oficinas bolivianas. Desse modo, a “contratação de mão de obra irregular, mediada por relações de favor, parentesco, compadrio, amizade e conterrâneidade” (FERNANDEZ, 2016, p. 76) passa a ser o padrão que eles adotam como instrumento de sobrevivência aqui e para sua terra natal. Vale ressaltar que no processo de contratação, os bolivianos que vêm tornam-se devedores dos que aqui estão, dos donos de oficinas que custeiam sua viagem, porém hiper-faturam os gastos com a vinda e hipo-faturam a mão de obra e os salários. Isso faz com que os que chegam tenham que se submeter a condições insalubres de vida e a jornadas de trabalho extenuantes em torno de 12 a 16 horas de trabalho diário.

Assim, com essa dinâmica, as relações de trabalho se confundem com as laborais, pois o mesmo ambiente passa a ser tanto de trabalho como convívio familiar sendo cada núcleo familiar alocado em diferentes cômodos da casa e compartilhando instalações comuns como o banheiro, cozinha e lavanderia. Desse modo, casais com seus filhos, primos, tios, sobrinhos e conterrâneos passam a viver no mesmo espaço. Contudo, essa lógica cria seus próprios desafios uma vez que passa a haver um certo tipo de “enclausuramento dentro das oficinas de costura que, na maioria das vezes, também é a moradia compartilhada com outros tantos compatriotas” (SÁ, 2016a, p. 26). Assim, com jornadas de trabalho exaustivas, precariedade das condições de vida, o não acesso aos serviços públicos e sociais, a indocumentação, a desproteção do Estado (LEAL, 2011), os processos de exclusão e invisibilização na sociedade paulista (SÁ, 2016a), etc. faz com que o *El Dorado* brasileiro transmute-se de sonho a pesadelo, com uma realidade bem distante do sonho imaginado e idealizado (SILVA, 2008; FERNANDEZ, 2016).

Em palavras de Abdelmalek Sayad (1998), diferente do sonhado e desejado, a realidade desse migrante boliviano “continua sendo de um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento” (p. 55), e essa condição a que se submetem para poder continuar no Brasil faz com que a categoria trabalhador precarizado e migrante tornem-se “neste caso, quase um pleonasma” (p. 54). Por conseguinte, para os migrantes bolivianos, o passado-presente, o *Jetztzeit*, que ficou para trás não é nada aprazível, pois tanto lá, na Bolívia, quando cá, no Brasil, falando-se sua condição e situação “à medida que avançava, ia se desmoronando. Os escombros que ainda podem ser vistos são incolores, distorcidos, indiferentes” (TUAN, 1983, p. 206). O que se vê ainda é muita dor, desamparo, sofrimento e precariedade da vida humana.

### **O passado-presente que (não) é colorido nem diferente**

Gostaríamos de ilustrar o que trouxemos até aqui, a saber, a lenda do *El Dorado* e a condição do migrante boliviano em São Paulo ao pensar na dicotomia entre o sonho, do que almejam e buscam, e a realidade, que se deparam ao chegar no Brasil. Para tanto, vamos apresentar os comentários de um homem boliviano, 39 anos de idade, casado, pai de dois filhos sendo um garoto de sete anos e uma menina de dez. Mora no Brasil há pouco mais de dez anos e seus dois filhos nasceram nesse país. Logo, eles pertencem à segunda geração de bolivianos-brasileiros na família (GONÇALVES, 2018). Sua língua materna é o aimará, língua da etnia *aymar-arú* com quase dois milhões e quinhentos mil falantes. Entretanto, também fala a língua do colonizador, o espanhol, e algo de português brasileiro, a língua do país para onde migrou, o Brasil, a fim de oferecer melhores condições de vida à família. Em sua casa a língua de comunicação com os filhos é o português brasileiro, embora também falem em espanhol para que os filhos também aprendam a língua majoritária do país de origem dos seus pais. Vamos chamá-lo, ao longo deste ensaio, de Don Rios, nome fictício usado para preservar sua identidade.

O passado-presente, o *Jetztzeit*, aqui-agora histórico, de Don Rios não é colorido; antes, como no caso da maioria dos migrantes bolivianos, “desmorona-se e os escombros que ainda podem ser vistos são distorcidos, indiferentes” (TUAN, 1983, p. 206). Em outras palavras, é ontologicamente marcado pela exclusão social (LEAL, 2011) e pelo triste processo de invisibilização com vistas ao apagamento na sociedade paulista (SÁ, 2016a).



Para Leal (2011), a vulnerabilidade social é um pilar da exclusão social, e Fidalgo (2018), ao falar sobre o tema, reforça que esse não se trata de um problema isolado. Muitos migrantes bolivianos, por viverem em situação de vulnerabilidade social, são contidamente confrontados com a questão da exclusão social que parte de estereótipos que os categorizam e, em consequência, geram preconceitos, discriminação e atos xenofóbicos, algumas vezes acompanhado de violência simbólica, verbal e até física. Don Rios relata uma experiência vivida poucos dias após sua chegada ao Brasil envolvendo uma abordagem policial:

o que mais estranhei o que mais fiquei com susto foi quando eu cheguei aqui no Brasil né [...] cheguei aqui no Brasil passou uma semana eu tava saindo aqui, eu tava saindo na rua pra conhece algumas outras coisas. Daí o primeiro que, que eu me deparei foi com a viatura e os policial me apontando com uma arma falando que não ... para aí, para aí [...] aí que o meu a primera coisa que eu estranhei falei no isso aqui é [...] aqui é de fue meu medo... aí é, é gran diferença pra mim né até agora.

No final de sua fala, Don Rios ressalta como essa experiencia de terror o marcou profundamente, pois ainda se lembra mesmo já tendo ocorrido dez anos antes. Sua fala final também ressalta o choque em relação ao seu país, onde nunca tinha vivido algo parecido. Embora, ele tenha esclarecido que a abordagem não era diretamente com ele e sim com outras pessoas que caminhavam próximas a ele, esse evento o marcou profundamente por causa da truculência dos policiais. Para ele, migrante, indocumentado à época, o lugar institucional da polícia causava-lhe medo, como relata.

Ainda sobre essa questão de abordagem e documentação, ele relata outro evento:

por ejemplo outro dia tava indo carro com minha, com minha esposa [e] a gente foi e ah, tava com meu colega atrás no banco de trás ... meu colega para e desceu na no ponto de ônibus... e o policial veio e ele, ele falou o que vocês tão fazendo... pediu documento. [parecia] eles pensaram que eu tava sin, sin documento, que o carro tava sem nota... aí como quer saber, se tenho documento todo certinho aqui e no minhas filhas também... tá e eu deixaram pra mim normal... e eu me perguntei será que está parando pra qualquer pessoa ou só será estrangeiro né...? aí ah até agora fico estranho com isso né... acontece mesmo [com estrangeiro]

Nesse evento, Don Rios já começa a perceber que sua presença como migrante bolivianos no Brasil, produz efeitos, é resultado de um pensamento excludente marcado

pela desconfiança com o migrante, sua quase certa indocumentação, a irregularidade do veículo, etc. Mais uma vez, a abordagem o marcou pela violência simbólica imposta. Sobre isso, Tosta (2003, p. 204) diz que “certos grupos sociais não são reconhecidos nem mesmo na sua condição de seres humanos” porque os indivíduos, que pertencem a esse grupo, não têm direitos nem vínculo social, pois “ocupam um espaço negativo na representação social dominante”. Portanto, é excluído simbolicamente como ser-humano. Trata-se do indesejado derridiano, aquele que deve ser o não-existente-ser (SÁ, 2020). Don Rios não fala somente de si, narra o que percebe com seus compatriotas:

eu vi, si eu vi bastante nossos colegas né... no todo mundo é igual que a nois igual que todas as pessoas, são iguais... mas tem os outros que tipo assim quando vai no hospital, quando vai a algum lugar, pros outros estados ... eu viajava muito, aí eu via, eu via mesmo... entendeu? De repente poderia ser por alguma outra situação, mas eu via mesmo que que, que a gente... tinha esse preconceito mesmo... de bolivianos.

Embora a premissa que se alega no país seja a de igualdade entre os povos, Don Rios relata que ele e seus colegas enfrentavam, quando viajavam, muito preconceito. Outro exemplo que ele relata tem a ver com um passeio de domingo na Avenida Paulista, famosa na capital paulista. Passeavam ele, três bolivianos e um amigo peruano:

quatro bolivianos, deve ser um peruano ... que boliviano e peruano são quase igual entendeu ... praticamente igual não tem muita diferença ... só muda, só muda dos países ... todo igual mesmo.

Na percepção de Don Rios, todos eram iguais, todos eram seres-humanos, sem distinção de raça ou etnia. No entanto, viveram, segundo ele narra, novamente uma situação de desconfiança e exclusão que o marcou enquanto migrante:

mas así a gente vai lá na paulista ... eramos entre cinco pessoas aí... quatro bolivianos e um peruano a gente foi lá... e né o policial fala ‘não vocês são estrangeiros entra por esse lado aqui... e fica aqui... no sé se era era porque a gente era estrangeiro... ou porque nós é ... no no sabia fala direito... direitinho porque... a gente ficou assim né... [não podia ir]

Mais um evento no cotidiano de exclusão desses migrantes. Leal (2011, p. 42) diz que esses indivíduos “encontram-se atomizados, não formam um grupo organizado nem portador de um projeto social”. Essa atomização ou redução mínima de sua existência,

quais migrantes, contribui para eventos de marginalização social, inclusive pelos agentes do Estado. Don Rios narra outro evento que ilustra o que diz Leal (2011):

pra fazer alguma coisa de documentação, eh a gente queria entra ... e ele o policial falou pra esse lado aqui ... e espera aí então a gente ficou esperando né ... até um tempo ... até um bom tempo ... e aí depois mudou o policial do lugar acho que ele saiu, mudou de turno ... aí o outro falou por que, por que você tá esperando?... aí hã, eu falei não, nós nos queríamos entrar ... [o policial novo falou] não mas vocês têm que entrar, pode entrar ... aí eu falei o outro no nos deixou entra e esse aqui nos deixou entrar?

É lamentável e incompreensível que o primeiro policial, sem explicações deixa um grupo de migrantes à espera por horas à fio e não os trata com dignidade, ao passo que o segundo policial, na troca de turno, age totalmente diferente. Esse evento ilustra como o Estado, por meio de seus agentes, contribui de forma sistemática e processual para a exclusão e a fragilização de laços sociais desses indivíduos. Como arremata Leal (2011, p. 127), os membros desses grupos vulnerabilizados socialmente “vão se tornando mais frágeis diante dos riscos de descensão e isolamento social, e cada vulnerabilidade os torna mais suscetíveis a novas outras”.

Outro campo que destaca que o processo de invisibilização e exclusão social, a que são submetidos os migrantes bolivianos em São Paulo, diz respeito ao domínio e uso da língua do país que os acolhe, o português brasileiro. Inicialmente porque há uma compreensão equivocada que, dada a proximidade do português brasileiro e o espanhol, é totalmente factível a comunicação entre os falantes das duas línguas. Trata-se de um equívoco porque são línguas com estruturas cognitivas, culturais e lexicais que possuem diferenças profundas. Em segundo lugar, porque o fato de a língua espanhola ser a língua oficial dos países da América Latina, a exceção do Brasil, não é necessariamente a língua materna e de uso cotidiano de muitos povos andinos, *e.g.* os bolivianos que falam, em sua maioria, o aimará e o quéchua como línguas maternas. Por conseguinte, essa visão distorcida em torno das línguas dos personagens dos países em tela, Brasil e Bolívia, serve de combustível e ferramenta para o aprofundamento dos processos de exclusão e invisibilização dos migrantes bolivianos em São Paulo. Don Rios relata:

aqui no no sul na sulamérica né que a gente mora... eh todos os países fala a língua espanhola né? língua espanhol. Enton... aí é o brasil o único país que fala português... aí é o seguinte se vem alguém de, de

Bolivia, de Peru, ou de Chile, de qualquer outro lugar da sulamérica es todo todo emigrante fala espanhol né...? E é assim a língua portuguesa ... a gente mora porque a gente tem que se adapta... porque a gente tem que se acostuma, onde a gente tá vivendo onde a gente né ... [pra ser] acolhido... entendeu? siempre a minha movimentação é na língua portuguesa... enton ... tenho que me adaptar né?

A fala de Don Rios reflete mais uma dificuldade dos migrantes bolivianos, e outros latino-americanos, ao migrar para o Brasil, a saber, o domínio do português. Para eles, isso gera uma infinidade de dificuldades, isolamento social, não acesso a informações básicas referentes à saúde, alimentação e segurança, etc. Como ressalta Smolka (1995, pp. 19, 20), a língua é uma instrumento importante na sociedade, pois “nomeia, identifica, designa, recorta, configura, estabelece relações; [por meio dela] o homem fala de si, se (re)conhece, se volta sobre si mesmo ... produzindo múltiplos efeitos, múltiplos sentidos”.

Don Rios narra duas situações envolvendo o manejo do português brasileiro e que mostram a relação que se guarda entre língua, exclusão social e invisibilidade. A primeira foi quando ele precisou acompanhar alguns bolivianos ao hospital para ajudá-los com a questão da língua, já que ele estava há mais tempo no Brasil. Na ocasião, ele conta como uma servidora do hospital, e outros, zombavam deles pelo não domínio na língua:

quando a gente foi no hospital alguma outra coisa... eu ouvi na senhora, nas pessoas né... dizer quando alguém não sabe fala o português [pra que vem aqui?]. ... ah, eu tento né ... mesmo no tendo no, no conseguindo fala muito bem mas eu tento né?

Na sequência do episódio, Don Rios mostra como os brasileiros no hospital encaravam o atendimento a eles, bolivianos, que não dominavam a língua do país:

porque a gente não fala muito bem... eles fala né espera aí, ou fica desse lado e até nós dá um jeito de você fala com nós... e a pessoa tem que ficar esperando e passa uma hora, duas hora, três hora, passa cinco hora e de repente fala eu o que vai acontece comigo? ... ah sim a gente esqueceu de você (risos de nós) ... eu não sei porque essa situação não!?

A narrativa desse evento, mostra que mesmo já conhecendo o sistema brasileiro de ser e viver, Don Rios ainda enfrenta problemas por causa da não proficiência na língua do Brasil. Tanto ele quanto outros migrantes bolivianos continuam a enfrentar situações

como essa todos os dias no seu trato com brasileiros. Trata-se de uma triste realidade ou, como afirma Leal (2011, p. 42), “a exclusão é uma experiência vivida individualmente, a partir de mecanismos gerados socialmente”.

Por fim, gostaríamos de apresentar brevemente outra situação envolvendo o uso do português brasileiro, narrada por Don Rios. Essa está relacionada com a escola. Para ele, seus filhos enfrentam os mesmos desafios envolvendo a língua no ambiente escolar.

e eu acho que as crianças também é a mesma situação ... porque minha filha ou meu filho não fala português... só fala espanhol. Eu [não] acharia ruim encontraria uma escola que fala o ensinasse seja no espanhol até eu taria tipo assim colocando eles essa escola de espanhol.

Esse anseio de Don Rios é porque ele percebe a dificuldade e o sofrimento dos filhos, e dos próprios pais, em manejar o português, a língua da escola. Preferia que os filhos estivessem numa escola em que a língua principal fosse o espanhol e o português fosse uma língua adicional. Como não é assim, ele diz:

tem que dá um jeito e se adaptar na língua mesmo... [mas] olha assim na verdade é o seguinte... pra mim que [assim aprenderia mais língua] ... filhos que fala duas ou três línguas até para mim seria muito melhor...

Para ele seria melhor inclusive se os pais, migrantes, pudessem ter aula de português na escola dos filhos, pois, assim, poderiam acompanhá-los melhor na escola. Isso contribuiria para um processo de inclusão social mais efetivo. Outro aspecto interessante que Don Rios traz a atenção é quando fala dos professores e diz:

mas o que sí, é que seria muito interessante que... em algum momento eh teria um professor de língua portuguesa ou tipo assim um professor que saiba se adaptar... com as crianças, com os de crianças imigrantes ou com um professor que saiba duas ou três línguas... entendeu?

Para ele, o processo de ensino-aprendizagem escolar seria facilitado se os professores pudessem se comunicar na língua das crianças migrantes. Desse modo, o processo de inclusão social-escolar (FIDALGO, 2018) seria plenamente contemplado e contribuiria para a inserção dessa criança e, por conseguinte, sua família, na sociedade.

As narrativas que trouxemos de Don Rios ao longo deste ensaio, foram uma tentativa de ilustrar as dificuldades que os migrantes bolivianos enfrentam no Brasil, seu

*El Dorado*, e como seus sonhos na partida de seu país, estão bem distantes da realidade que enfrentam no seu dia-a-dia no Brasil. Jornadas exaustivas e extenuantes de trabalho, precariedade nas condições de moradia e alimentação, situação de vulnerabilidade e experimentação constante de processos de exclusão social e invisibilização (LEAL, 2011; SÁ, 2016a; FIDALGO, 2018) refletidos tanto nos tratos com a sociedade civil como com os agentes do estado, e.g. policiais, agentes de saúde, comunidade escolar, etc.

### Considerações finais

Retomando a poética citação de Yi-Fu Tuan (1983, p. 206) podemos afirmar que ‘o passado-presente é (sim) a região que eu posso caminhar para onde quiser’. O *El Dorado* não só dos migrantes bolivianos, mas de todos os migrantes que por razões e forças que ultrapassam sua capacidade de controle, deveria ser aquele que os permitisse “caminhar para onde quiser e na qual aos poucos vão aparecendo as suas colinas e vales escondidos” (TUAN, 1983, p. 206). Deveria sim, ser um lugar para onde se queira voltar, um lugar aprazível, um lugar que não desmoronasse, que fosse colorido, que fosse diferente, que fosse acolhedor, mais humano, diverso e um lugar de paz!

Embora o processo de migração seja, nas palavras de Abdelmalek Said, “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (2003, p. 43), Yi-Fu Tuan é mais otimista ao reconhecer que o destino, o país que acolhe os migrantes, pode ser “os lugares íntimos [que] são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato” (1983, p. 152).

Sim, Abdelmalek Said tem razão quando fala da ‘fratura incurável’ aberta com o processo de migração, mas preferimos aderir ao otimismo quase romantizado de Yi-Fu Tuan, pois, afinal, somos seres humanos e, como diz o saudoso Paulo Freire e a quem parafraseamos livremente aqui, precisamos ser sempre “gente mais gente, precisamos nos gentificar, gostar de ser gente e se posicionar contra toda e qualquer forma de desgentificação ou de esvaziamento do ser humano” (2020, p. 53).

É por essas e outras que nós encaramos como um privilégio ser um **pesquis-a-dor** da condição migrante, porque sentimos dor deles e no fundo, bem lá no fundo, também acreditamos no *El Dorado* não para alguns, mas para todos que são “gente mais gente”!

**Referências**

- BAENINGER, R. (Org.). **Imigração boliviana no Brasil**. Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2012.
- BAENINGER, R.; PERES, R. Migração de crise: A migração haitiana para o Brasil. **R. Bras. Est. Pop.** v. 34, n.1, 2017, pp. 119-143.
- BAENINGER, R. **Migrações Sul-Sul**. Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2018.
- BARTHES, R. **The semiotic challenge**. Oxford: Blackwell, 1993.
- CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, W. F. Um panorama da imigração e do refúgio no Brasil: Reflexões à guisa de introdução. In CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. (Orgs.). **Imigração e Refúgio no Brasil**. OBMigra, 2020.
- FERNANDEZ, C. C. G. **Entre dois países, sonhos e ilusões: Trajetórias de e/ímigrantes bolivianos em São Paulo (1980-2000)**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.
- FIDALGO, S. S. **A linguagem da exclusão e inclusão social na escola**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2018.
- FREITAS, P. T. Bolivianos(as) por entre oficinas de costura na cidade de São Paulo: Novos aspectos da dinâmica migratória no século 21. In BAENINGER, R. (Org.). **Migração internacional**. Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 66a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GONÇALVES, C. A. **Ser criança imigrante boliviana na ocupação Prestes Maia: o cotidiano e os sonhos da infância**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.
- HABERMAS, J. **Knowledge and human interest**. Cambridge: Polity Press, 1987.
- HINOJOSA, A. R. **Buscando la vida: famílias bolivianas transnacionais en España**. Buenos Aires: Ediciones CLACSO, 2009.
- JANNUZZI, P. M. **Indicadores sociais no Brasil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LEAL, G. F. **Exclusão social e ruptura dos laços sociais: Análise crítica do debate contemporâneo**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- MILES, M. B. Qualitative data as an attractive nuisance: The problem of analysis. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, 1979, pp. 590-601.

ORELLANA, L. E. B. **O imigrante boliviano no estado de São Paulo: a ética empresarial nas contratações.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Centro Universitário Adventista de São Paulo. São Paulo, 2014.

PAIVA, O. C. **Histórias da (i)migração: Imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI.** São Paulo: Arquivo Público Estado, 2013.

PRETI, D. **Análise de textos orais.** São Paulo: Humanitas, 1999.

PUCCI, F. M. S. **Viver outramente: Moradia, condições de vida e a produção da alteridade dos bolivianos em São Paulo.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.

SÁ, R. L. Imigração hispano-americana em São Paulo, (des)construção identitária e inclusão dos (in)visíveis: Um olhar da Linguística Sistêmico-Funcional. *In III Workshop Systemic Across Languages (SAL).* Brasília: UnB, 2014.

SÁ, R. L. **Imigração boliviana em mares paulistanos dantes navegados: Inclusão dos (in)visíveis e (des)construção identitária.** Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2016a.

SÁ, R. L. **Içando as velas: Uma jornada pro Educação.** *In* SÁ, R. L.; SOUZA, E. M. F.; CRUZ, G. F. (Orgs.). **Educação crítica de profissionais da linguagem para além-mar: Políticas linguísticas, identidades, multiletramentos e transculturalidade** Campinas, SP: Pontes Editores, 2016b.

SÁ, R. L. Imigrantes hispano-americanos, (inter)culturalidade crítica e língua portuguesa. **Revista Estudos Acadêmicos de Letras.** v. 10, n. 1, 2017, pp. 63-73.

SÁ, R. L. **Internacionalização, hospitalidade e ideologia: por um protocolo de acesso, acolhimento e acompanhamento,** Tese (Doutorado). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2020.

SÁ, R. L. **Rasuras migratórias: Por uma gramática de inclusão.** Relatório (Estágio pós-doutoral). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2021a.

SÁ, R. L. Ética, decolonialidade e migração à luz do pensamento freireano. **Práxis Educacional.** v. 17, n. 47, 2021b, pp. 1-22. Disponível em <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i47.8739>.

SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Trad. Soares, P. M. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

SAYAD, A. **Imigração ou paradoxos da alteridade.** Trad. Murachco, C. São Paulo: Editora EDUSP, 1998.

SILVA, C. F. **Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo.** Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: Entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados.**

SILVA, S. A. **Faces da latinidade hispano-americano em São Paulo.** Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2008.



SMOLKA, A. L. B. A concepção de linguagem como instrumento: Um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal. **Temas em Psicologia**. v. 3, n. 2, 1995, pp. 11-21.

TONHATI, T.; MACEDO, M. Imigração de mulheres no Brasil: Movimentações, registros e inserção no mercado de trabalho formal (2010-2019). *In* CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. (Orgs.). **Imigração e Refúgio no Brasil**. OBMigra, 2020.

TOSTA, T. L. D. Memória das ruas, memórias da exclusão. *In* BURSZTYN, M. (Org.). **No meio da rua: Nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Editora Difel, 1983.